

SISTEMA DE DEFESA/ATAQUE CONSELHEIRISTA NO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS – PEC (1897)

Rivaldo Cardoso Dantas¹

[...] O inimigo traía-se apenas na feição ameaçadora da terra. Encantoara-se. Rentes com o chão, rebatidos nas dobras do terreno, entaliscados nas crastas – esparsos, imóveis, expectantes – dedos presos aos gatilhos dos clavinotes, os sertanejos quedavam, em silêncio, tentando as pontarias, olhos fitos nas colunas ainda distantes, embaixo, marchando após os exploradores que esquadrihavam cautelosamente as cercanias. (EUCLIDES DA CUNHA, 1975).

RESUMO

O presente texto tem o objetivo de apresentar as informações relatadas da monografia, Sistema de defesa/ataque conselheirista no Parque Estadual de Canudos – PEC (1897)², no I Simpósio Nacional de História Militar, no Museu Naval do Rio de Janeiro. Ao longo do perímetro do Parque Estadual de Canudos (PEC) existe uma série de resquícios de estruturas arqueológicas denominadas, pela historiografia sobre a Guerra de Canudos, de Trincheiras Conselheiristas. No entanto, partindo da compreensão do conceito, características e tipos de fortificações, possivelmente, estas estruturas não correspondiam somente a trincheiras, havendo também a possibilidade da existência de outras estruturas não abordadas pela historiografia. Nesse contexto, a monografia teve o objetivo de identificar e apresentar o sistema de defesa e ataque conselheirista na região do PEC. Para tanto, antes, foi preciso compreender o clássico emprego da trincheira militar; o ensino militar brasileiro antes da Guerra de Canudos, relacionando-o com o ensino de Fortificação de Campanha; o conceito, as características e os tipos de fortificações de campanha, relacionadas aos resquícios arqueológicos; as interpretações de quatro livros específicos sobre as trincheiras do PEC, dois trabalhos arqueológicos e dois de militares que participaram do conflito; por fim, uma análise das fontes oficiais – as Partes de Combate e as Ordens de Dia – de alguns oficiais que participaram da peleja. Na conclusão foi apresentada a composição do complexo sistema de defesa e ataque conselheirista no PEC; observações sobre algumas estruturas arqueológicas; a relação dos termos entrincheirado, entrincheiramento e entrincheirar, com todas as estruturas empregadas pelos conselheiristas; a análise do recorrente erro de interpretações de algumas estruturas como a que tem as características alveolares; finalmente, algumas orientações para o aprofundamento da pesquisa.

Palavras-chave: Guerra de Canudos. Conselheiristas. Trincheiras.

RESUMEN

¹Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2015). Foi aluno especial do Mestrado em História Regional e Local na Universidade do Estado da Bahia, na linha de pesquisa I: Estudos Regionais: campo e cidade, na disciplina Cidade, Memória e Território (2014.1). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades Integradas Olga Mettig (2013). Graduado em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Jorge Amado (2012). rivaldoc.dantas@hotmail.com

²Apresentada, julgada adequada à obtenção do título de Especialista em História Militar e concomitantemente aprovada em sua versão final pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), e que teve como orientador o oficial de Artilharia, atualmente na reserva, o professor Carlos Roberto Carvalho Dároz.

El presente texto tiene el objetivo de presentar las informaciones relatadas de la monografía, Sistema de defensa/ataque consejerista en el Parque Estadual de Canudos – PEC (1897)³, no I Simposio Nacional de Historia Militar, en el Museo Naval de Río de Janeiro. Al largo del perímetro del Parque Estadual de Canudos (PEC) hay una serie de resquicios de estructuras arqueológicas llamadas, por la historiografía sobre la Guerra de Canudos, de Trincheras Consejeristas. Sin embargo, partiendo de la comprensión del concepto, características y tipos de, posiblemente, estas estructuras no se refieren solamente a las trincheras, sino que también es posible que existan otras estructuras no abordadas por la historiografía. En este contexto, la presente monografía tiene el propósito de identificar y presentar el sistema de defensa y ataque consejerista en la región del PEC. Para tanto, antes fue preciso comprender el empleo clásico de la trinchera militar; la enseñanza militar brasileña antes de la Guerra de Canudos, aquello relacionado con la enseñanza de Fortificación de Campaña; el concepto, las características y los tipos de fortificaciones de campaña, relacionadas a los resquicios arqueológicos; las interpretaciones de cuatro libros específicos sobre las trincheras del PEC, dos trabajos arqueológicos y dos de militares que participaron en el conflicto; por fin, el análisis de las fuentes oficiales, las Partes de Combate y las Órdenes de Día, de algunos oficiales que participaron en la batalla. En la conclusión se presentó la composición del complejo sistema de defensa y ataque consejerista en el PEC; observaciones sobre algunas estructuras arqueológicas; la relación de los términos atrincherado, atrincheramiento y atrincherar con todas las estructuras empleadas por los consejeristas; el análisis del error recurrente de interpretaciones de algunas estructuras como la que tiene las características alveolares; finalmente, algunas orientaciones para la profundización de la pesquisa.

Palabras-clave: Guerra de Canudos. Consejeristas. Trincheras.

1. INTRODUÇÃO

No final do século XIX, no Nordeste brasileiro, especificamente no sertão baiano, ocorreu o movimento social popularmente conhecido como Guerra de Canudos (1896-1897), liderado pelo cearense, de Quixeramobim, Antônio Vicente Mendes Maciel, de apodo Antônio Conselheiro.

Com o objetivo de debelar o movimento sertanejo, foram enviadas quatro expedições militares, além do apoio de uma brigada para a última expedição, sendo que, ao longo das expedições – 11 meses – os conselheiristas se defenderam e

³ Presentada, juzgada adecuada a la obtención del título de Especialista en Historia Militar y fue consecuentemente aprobada en su versión final por el Curso de Postgrado *Lato Sensu* en Historia Militar, de la Universidad del Sul de Santa Catarina (UNISUL); y su orientador fue el oficial de Artillería, actualmente en la reserva, el profesor Carlos Roberto Carvalho Dároz.

consequentemente atacaram as forças legais, dentre outros aspectos⁴, utilizando-se dos elementos da natureza da própria região ou os aperfeiçoando para suas conveniências. No entanto, apesar de terem sido enviadas as quatro expedições militares, a Guerra em Canudos propriamente dita só se caracterizou com as 3ª e 4ª expedições, na região atualmente compreendida pelo Parque Estadual de Canudos (PEC), pelo motivo de a primeira acontecer no município de Uauá e a segunda nas imediações de Canudos, também no estado baiano.

Assim, no perímetro do PEC, existem diversos resquícios arqueológicos de estruturas defensivas/ofensivas conselheiristas contra os militares, denominadas Trincheiras Conselheiristas. Não obstante, a partir de pesquisas de campo que venho realizando desde 2009, compreendo que ao conhecer estas estruturas e a geografia do PEC, tendo o conhecimento do conceito, das características e dos tipos das fortificações, é possível que o sistema de defesa e ataque dos conselheiristas não se resumisse apenas a trincheiras, além de existir a possibilidade das estruturas denominadas Trincheiras Conselheiristas possuírem outra denominação, devido às suas características. Então, levando em consideração tais aspectos, qual seria a composição do sistema de defesa e ataque conselheirista no PEC em 1897?

O interesse pela referida pesquisa surgiu de uma pesquisa em campo realizada na área do PEC em 2009, ao observar e perceber que as características das estruturas dos vestígios arqueológicos apresentados no perímetro como Trincheiras Conselheiristas possivelmente poderiam ter outra definição. Assim, de 2009 até a atualidade já estive no local como estudante, pesquisador e professor. Compreendo ser de suma importância a análise e consequentemente a compreensão desse sistema de defesa e ataque para entendermos como os conselheiristas que viviam em condições miseráveis e mal armados belicamente se defenderam ao longo das terceiras e quartas expedições na Guerra de Canudos. A relevância dessa pesquisa está justamente em analisar e apresentar a composição desse sistema de defesa e ataque. Socialmente será relevante ao destacar determinada parte do processo de defesa de um dos movimentos sociais ocorridos no Brasil Republicano. Cientificamente apresentará uma nova abordagem, ou seja, específica sobre a contenda, pois com base nas pesquisas, possivelmente poderá desmistificar as concepções apresentadas nas estruturas dos

⁴ Além da geografia da região, utilizaram-se dos próprios armamentos rudimentares e dos armamentos conquistados das tropas militares ao longo da guerra. Mas, para o trabalho em foco, nos interessa apenas a pesquisa referente à utilização da geografia da região.

vestígios arqueológicos e também poderá apresentar outras formas de defesa/ataque não divulgadas pelos autores que se debruçaram sobre a Guerra de Canudos.

Esta pesquisa teve como objetivo geral e objetivos específicos, identificar e apresentar a composição do sistema de defesa e ataque conselheirista na região do PEC; compreender o conceito e as características da tradicional trincheira militar; entender o processo de ensino militar sobre Fortificação de Campanha antes da Guerra de Canudos; analisar o conceito, as características e os tipos das fortificações de campanha e permanente; analisar as interpretações dos trabalhos arqueológicos e de dois autores que escreveram sobre o assunto; e por fim, analisar as fontes oficiais que se debruçaram sobre o assunto; respectivamente.

Para tanto, foi preciso, primeiramente, realizar um levantamento bibliográfico específico sobre a Guerra de Canudos, com o objetivo de identificar as discussões acerca das estruturas em que foram utilizadas pelos conselheiristas no processo de defesa e ataque contra as forças legalistas; sobre o ensino militar brasileiro antes da Guerra de Canudos, relacionando o processo de ensino com o de Fortificações de Campanha; finalizando com o conceito, as características e os tipos de fortificações. Por último, foram coletadas do livro *Expedições Militares contra Canudos*, de Tristão de Alencar Araripe (1985), as informações das Partes de Combate e das Ordens de Dia sobre as estruturas empregadas pelos conselheiristas na guerra, dos militares que participaram da peleja. Sendo assim, a monografia foi dividida em 5 capítulos.

2 O CLÁSSICO EMPREGO DA TRINCHEIRA MILITAR

Dizem que as trincheiras vem desde a antiguidade, porem elas somente foram reutilizadas entre os séculos XVI e XVII, no qual o uso da pólvora como arma utilizados nos primeiros mosquetes, serviu para proteger os chamados mosqueteiros em guerras de avanço rápido. Dizem que o rei Luis XIV utilizou a estratégia trincheiras com mosqueteiros nas guerras no qual lutou.⁵

Mesmo diante dos aspectos históricos, atualmente quando falamos sobre trincheiras no contexto de conflito militar nos recordamos do conceito e das características das que foram empregadas na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), especificamente na segunda fase da guerra: na guerra de posições ou de trincheiras. “O

⁵ FRACOLA, Felipe. Guerras de Trincheiras: o inferno. 2012. Disponível em: < <http://1guerramundial-historiaecuriosidades.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

recurso às trincheiras era uma forma de guerra já conhecida na antiguidade, mas foi somente na Primeira Guerra Mundial que ocorreu efetivamente uma Guerra de Trincheiras, muito impulsionada pela invenção da metralhadora”.⁶ Para Bazote: “As trincheiras eram labirintos de muros com sacos de areia e madeira na superfície e túneis que formavam pequenas cidades no subsolo”.⁷

Entretanto, devido ao próprio cenário da guerra, as trincheiras foram se desenvolvendo com base nas matérias-primas disponíveis, nas condições do terreno das regiões onde foram construídas e principalmente pela tecnologia bélica empregada. “No início de 1915, ainda eram bastante rudimentares – algumas mal passavam de buracos no chão, apressadamente ligados uns aos outros por valas rasas e tortuosas”.⁸ Nessa mesma direção, Soundhaus afirma que: “Em 1916, a guerra de trincheiras tinha assumido uma estrutura básica que poderia ser encontrada, com variações locais, em todas as frentes de batalha.”⁹

Sobre o processo paulatino de construção e desenvolvimento das trincheiras surgem alguns questionamentos. Existiram uma ou várias formas de construção? Em que terreno elas foram construídas? Quem as construiu? Em que horário puderam ser construídas? Para a construção, precisavam de conhecimentos técnicos? “Havia três maneiras de se construir trincheiras: entrincheirando, minando, e tunelamento”.¹⁰

⁶ JUNIOR, Antônio Gasparetto. Guerra de Trincheiras. Disponível em: <http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/rev32_02.htm>. Acesso em: 04 abr. 2014.

⁷ BAZOTE, Sylvio Mario. Guerra de Trincheiras: As trincheiras na Primeira Guerra Mundial. 2014. Disponível em: <<http://historiasylvio.blogspot.com.br/2014/06/guerra-de-trincheiras.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

⁸ GARRY, Sheffield. A Guerra de Trincheiras: o fim do avanço dos exércitos. Traduzido por Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Folha de São Paulo, 2014. (Coleção Folha. As grandes guerras mundiais; v. 2. Primeira Guerra Mundial). p. 6.

⁹ SOUNDHAUS, Lawrence. A Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/nara%20santos/Downloads/A%20Primeira%20Guerra%20Mundial%20-%20Soundhaus,%20Lawrence%20(1).pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015. p. 260-261.

¹⁰ Entincheirar era o processo onde um homem estaria na superfície cavando para baixo. Era o método mais rápido e fácil, permitindo a abertura de grandes áreas de trincheiras por muitas pessoas simultaneamente, no entanto deixava os escavadores expostos acima do solo e só podia ser realizado quando livre de observação, durante a noite ou numa área distante do inimigo. Não necessitava de qualificação técnica por parte dos executantes, bastando a orientação de alguns oficiais. Minar era uma atividade desenvolvida pelos soldados sem qualificação, com ajuda de sapadores em regiões de terreno alagado ou rochoso. Envolveria cavar galerias em direção ao inimigo, a partir da parede de uma trincheira já construída. Ao chegar a uma determinada distância estas galerias direcionavam-se para os lados. Os escavadores permaneciam protegidos dos tiros diretos durante a construção, portanto os trabalhos podiam ser realizados durante o dia e à noite, mas eram percebidos pelos vigias aéreos desde o início dos trabalhos, sendo vulneráveis aos ataques aéreos e de artilharia. A construção desse tipo de trincheira era mais demorada por conta da limitação do pessoal trabalhando por vez numa área (geralmente duas pessoas cavando uma ao lado da outra) e pelo trabalho de remoção da terra para a parte traseira das escavações. Tunelar era uma atividade desenvolvida exclusivamente pelos sapadores, que consistia na escavação de túneis subterrâneos pouco profundos, que subiam lentamente em direção ao inimigo até um determinado ponto previamente calculado, onde se detinham e começavam a se estender para os lados.

Sendo assim, o que predominantemente compreendemos como conceito e características das trincheiras em conflito militar se refere a 1ª Guerra Mundial (1914-1918). Sob este aspecto, será que a terminologia “trincheira” possuía a mesma denominação e concomitantemente as mesmas características no final do século XIX, especificamente na Guerra de Canudos (1896-1897)? Seguindo esta linha, para não cometermos anacronismo, é de suma importância analisar o processo de ensino militar brasileiro, com destaque para o ensino sobre Fortificação de Campanha, até o período da Guerra de Canudos.

3 O ENSINO MILITAR BRASILEIRO ANTES DA GUERRA DE CANUDOS: FORTIFICAÇÃO DE CAMPANHA

É do século XVII que se têm informações acerca do início do ensino militar no Brasil. “As primeiras notícias sobre o ensino militar remontam ao holandês MIGUEL TIMERMANS ‘engenheiro de fogo’, que esteve no Brasil de 1648 a 1650 ‘encarregado de formar discípulos aptos para trabalhos de fortificações’”.¹¹ Para Pirassinunga “O ensino militar no Brasil é bastante antigo, a sua origem (*sic*) remontando aos fins do século XVII.”¹²

Nesse contexto, destacamos um ponto de grande relevância no processo do ensino militar sobre o acréscimo da Aula de Arquitetura Militar à Aula do Regimento de Artilharia, que passou a denominar-se a partir daí de Aula Militar do Regimento de Artilharia, em 1774:

Com o acréscimo do estudo da Arquitetura, a aula primitiva do Regimento passa a denominar-se ‘Aula Militar’, sem, no entanto, perder aquela característica de pertencer ao Regimento de Artilharia, porém com uma dupla finalidade: o preparo dos artilheiros e o preparo efetivo dos oficiais técnicos

Somente depois de atingida a extensão desejada, retirava-se a terra da parte de cima até a superfície na área para as novas trincheiras. Era, portanto, uma trincheira cavada de baixo para cima. Geralmente a terra que constituía o teto era retirada no início da noite, permitindo aproximadamente doze horas de intenso e silencioso trabalho para consolidar a posição antes que observadores inimigos em balões ou aviões avistassem a nova trincheira durante o início do dia e ataques de artilharia e aviação inimigas fossem realizados no local para dificultar ou impedir a consolidação do novo terreno. BAZOTE, Sylvio Mario. Guerra de Trincheiras: As trincheiras na Primeira Guerra Mundial. 2014. Disponível em: <<http://historiasylvio.blogspot.com.br/2014/06/guerra-de-trincheiras.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

¹¹ LUCENA, Luiz Castelliano de. Um Breve Histórico do IME – Instituto Militar de Engenharia: Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, 1792. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ime.eb.br/arquivos/Noticia/historicoIME.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

¹² PIRASSINUNGA, Adailton Sampaio. O ensino militar no Brasil (Colônia). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958. p. 7.

em engenharia militar que constituirão de futuro o Corpo de Engenheiros, de gloriosa tradição por relevantes serviços, como o provam as magníficas obras ainda hoje de pré existentes no interior do país.¹³

Com isso: “Vem, pois, a ser aquela carta de 18 de setembro de 1774 o marco inicial da formação de Engenheiros Militares do Brasil”.¹⁴ Entretanto, ao longo desta fase inicial do ensino militar no Brasil não houve ensino sobre Fortificação de Campanha, pois predominantemente as aulas ministradas foram de Fortificações.

Todavia, com a criação da primeira academia militar no final do século XVIII, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho na cidade do Rio de Janeiro em 1792, que teve como primeiro lente o Coronel Antônio Joaquim de Oliveira, esta perspectiva começou a se modificar, sendo que o ensino de Fortificação de Campanha estava inserido no plano de ensino da Academia. “Pelos Estatutos da Academia, o plano de ensino da mesma compreendia o Curso Matemático e os Exercícios Práticos”.¹⁵ De acordo com o plano de ensino, no 5º ano do curso Matemático era ensinada aos alunos a Fortificação de Campanha, com base na doutrina do Curso de Antoni; e no 5º ano do ensino prático, os alunos tinham que construir no terreno qualquer obra de Fortificação de Campanha.¹⁶ Posteriormente a sua criação, e devido às necessidades no processo de formação do militar, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho passou por uma série de reformas ao longo dos anos até o período inicial da Guerra de Canudos.

Diante das reformas, nenhuma referência destacou, até o momento, quais foram os assuntos abordados no processo de ensino sobre Fortificação de Campanha, apenas as obras que serviriam de referências para as aulas. Como na Carta de criação da Academia Real Militar, onde foi destacado que o lente deveria ensinar a partir do conhecimento obtido das principais obras sobre o assunto:

No quinto anno haverá dous (*sic*) Lentes. O primeiro ensinará tática, estratégia, castrametação, fortificação de campanha e reconhecimento dos terrenos. Formará o seu compendio sobre as melhores obras que têm apparecido (*sic*) sobre tão importante materia, seguindo muito para a primeira parte Gui de Vernon, e para a ultima a obra de Cessac, as bellas memórias que se acham no Manual topographico (*sic*), que publica o Archivo (*sic*) Militar de França. (Carta de Lei – DE 4 DE DESEMBRO DE 1810).¹⁷

¹³ *Id. Ibid.*, p. 27.

¹⁴ *Id. Ibid.*

¹⁵ *Id. Ibid.*, p. 29.

¹⁶ *Id. Ibid.*

¹⁷ RIO DE JANEIRO. Carta de Lei, de 4 de dezembro de 1810. Crea (*sic*) uma Academia Real Militar na Côrte (*sic*) e Cidade do Rio de Janeiro. Coleção das Leis do Brasil de 1810. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891, p. 232-246. vol. 1. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao1.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015. p. 237.

Sendo assim, os conteúdos que foram ensinados aos alunos sobre Fortificação de Campanha antes da Guerra de Canudos tiveram como referências as obras portuguesas e francesas. No entanto, devido à dificuldade de se encontrar referências sobre os assuntos abordados nesta disciplina, apresentaremos no próximo capítulo, *As fortificações*, os dados coletados de dois dicionários específicos: O primeiro é o *Diccionario Técnico Militar de Terra de Caetano M. de F. Albuquerque (1911)* e o segundo é o *Dicionário de Arquitectura Militar de António Lopes Pires Nunes (2005)*.

4 AS FORTIFICAÇÕES

As fortificações são construções engenhadas no terreno, antes, durante ou após o contato com o inimigo, com o objetivo primordial de defesa, mas, simultaneamente, também de ataque, para que o contendor não seja surpreendido por qualquer investida inimiga.

Fortificação. Acto (*sic*) de fortificar, ramo da arte da guerra que tem por fim organizar militarmente uma posição de modo tal que a tropa que a occupa (*sic*) possa ahi (*sic*) resistir, com vantagem, ao ataque de uma tropa mais considerável ou a arte que fornece os meios de aumentar o poder defensivo de uma posição, por meio de obras que, por isso mesmo, se chamam fortificações.¹⁸

De acordo com Nunes, fortificação é a “Expressão genérica que designa todos os trabalhos e obras de defesa militar, de uma vasta área, de um país, de uma região ou de um local, podendo ainda ser tomada no sentido de ciência ou arte de fortificar”.¹⁹ Segundo o autor, ela também abarca “não só as fortalezas mas ainda todos os meios e obras de valorização do terreno para fins defensivos como as abatizes, cavalos de frisa, covas de lobo, armadilhas, paliçadas, remoção de terras, fossos e outras. Usa-se frequentemente como sinónimo (*sic*) de Fortaleza”.²⁰ Então, além das fortalezas, não podemos deixar de enquadrar no sistema de fortificações o aprimoramento dos elementos da natureza, como veremos adiante na classificação destas.

¹⁸ ALBUQUERQUE, Caetano M. de F.e. *Diccionario Técnico Militar de Terra*. Lisboa: Typographia do Annuario Commercial, 1911. p. 177.

¹⁹ NUNES, António Lopes Pires. *Dicionário de Arquitectura Militar*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2005. p. 119.

²⁰ *Id. Ibid.*, p. 119.

Considerando que as populações primitivas se prevaleciam dos obstáculos naturais (*sic*) para se defenderem das agressões (*sic*) das tribus (*sic*) vizinhas, por completo desconhecendo outros recursos que não aquêles que a própria natureza (*sic*) lhes offercia (*sic*) na hora do perigo, a primeira grande divisão natural e racional da fortificação é em fortificação natural, quer dizer, oferecida pela própria natureza e fortificação artificial, isto é, creada (*sic*) pela mão do homem.²¹

Assim, baseando-se na análise de Albuquerque²², desde os primórdios das populações, as fortificações em seu contexto geral são divididas em natural e artificial. A primeira, sendo o emprego dos recursos, ou seja, obstáculos, da própria natureza, sem alteração ou modificação do homem. E a segunda, o resultado da criação ou modificação dos elementos da natureza pelo homem. Nesse contexto, compreendemos como fortificações naturais, todos os elementos da natureza que se tornem obstáculos para o avanço de qualquer tropa ou grupo, como a vegetação, rios, montanhas, desertos, etc. No que tange às fortificações artificiais existem várias classificações.

A fortificação artificial se subdivide em fortificação permanente, que é um instrumento estratégico, e passageira, segundo uns; segundo outros autores em permanente, semi-permanente e passageira ou transitória ou de campanha, cujo caracter (*sic*) é tático, e, como um sub-genero desta, a de campo de batalha.²³

Dependendo da perspectiva de análise no contexto estratégico ou tático, as fortificações artificiais podem ser subdivididas em: permanente, semi-permanente²⁴ e passageira, esta podendo possuir outras denominações como transitória ou de campanha, e ainda pode estar relacionada à mesma, como uma subdivisão, a fortificação de campo de batalha²⁵.

Não obstante, devido às especificidades no processo de construção as

[...] duas ultimas podem ser executadas por officiaes (*sic*) de cavallaria (*sic*) ou infantaria, pelo que podem fazer parte do acervo de conhecimentos theôricos (*sic*) e práticos, principalmente práticos, destas duas armas; só a

²¹ ALBUQUERQUE, *op. cit.*

²² *Id. Ibid.*

²³ *Id. Ibid.*, p. 12-14.

²⁴ “A fortificação semi-permanente executa obras de importancia (*sic*) inferior ás de permanente, embora a analogia que aproxima; é também de mais limitada duração; dil-o (*sic*) seu proprio (*sic*) nome” (*Id. Ibid.*, p. 12-14).

²⁵ “A fortificação do campo de batalha dispoem de recursos muito limitado, materiaes (*sic*) de acaso, de fortuna; executada de vespera (*sic*) ou durante a accção (*sic*), é de uma execução por assim dizer automática por aquelles (*sic*) a quem vae (*sic*) garantir no momento crítico e seus typos (*sic*) devem sér (*sic*) de facil (*sic*) e rapida (*sic*) execução, sem perda de tempo, ligeiros abrigos” (*Id. Ibid.*, p. 12-14).

permanente e a semi-permanente é que constituem, rigorosamente, serviço peculiar á engenharia.²⁶

Geralmente as fortificações artificiais são classificadas de duas maneiras: Fortificação de Campanha, obra de valorização do terreno com características simples em seu processo de construção; e a Fortificação Permanente, obra de valorização do terreno com características mais complexas em seu processo de construção.

A fortificação de campanha emprega traçados simples e expeditos que interceptem os projectis (*sic*) do atacante e o impeçam de chegar até o defensor (*sic*) para o atacar a arma branca; são obras passageiras, de valor relativo ao tempo e ao pessoal disponíveis e á importância relativa das forças e representa um meio de repouso durante a marcha para a frentes; seu maior emprego é na defensiva e seus typos (*sic*) são, entre outros: o reducto, a luneta (*sic*), a cauda de andorinha, o barrête (*sic*) de clérigo (*sic*).²⁷

Nunes aponta a Fortificação de Campanha como sendo o:

Conjunto de obras de valorização do terreno, efectuadas (*sic*) pelas forças militares durante uma acção (*sic*) militar, servindo exclusivamente durante esta, para constituir um obstáculo aos ataques do inimigo, para consolidar posições tomadas ou para subtrair, tanto quanto possível, as tropas à acção (*sic*) do fogo inimigo, com quem se estava em contacto. [...] Também designada fortificação provisória ou fortificação passageira.²⁸

Já a fortificação permanente devido as suas complexidades,

[...] exige amplos conhecimentos que se traduzem em planos dispendiosos, executados durante a paz; e as obras assim realizadas, constituem uma fortalêza (*sic*) ou praça forte, cujo destino é a defesa de posições que, pela sua importância militar, constante e não transitória, merecem defêsa (*sic*) dispendios, na altura do papel estratégico que lhes está reservado na guerra, porque, além de deterem a marcha do inimigo invasor, são pontos de apoio para marchas e séde (*sic*) de depósitos (*sic*), pelo que se lhes dá o nome de eixo estratégico (*sic*) e praças de deposito.²⁹

De acordo com Nunes a Permanente é uma: “Fortificação definitiva construída em tempos de paz, a fim de defender qualquer ponto vulnerável na defesa de um país”.³⁰ Seguindo estas características, tanto as fortificações de campanha como as permanentes

²⁶ *Id. Ibid.*, p. 12-14.

²⁷ *Id. Ibid.*, p. 12-14.

²⁸ NUNES, Antônio Lopes Pires. Dicionário de Arquitectura Militar. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2005. p. 71.

²⁹ *Id. Ibid.*, p. 191.

³⁰ *Id. Ibid.*, p. 191.

servem no primeiro momento como forma de defesa contra o ataque de determinado inimigo, sendo que a segunda é o aperfeiçoamento da primeira.

Neste sentido, após o conhecimento conceitual de fortificações e das duas classificações mais destacadas, ainda foi apresentado neste capítulo³¹ à descrição conceitual e das características de cada fortificação. Não obstante, diante da diversidade das fortificações, tanto de campanha como permanente, e por terem relações semelhantes com os resquícios das estruturas arqueológicas das defesas conselheiristas no local das 3^a e 4^a expedições militares, foi abordado apenas o abrigo, a coberta, a espalda e o espaldão, o obstáculo – vallo e fosso – e a trincheira, pois correspondem às fortificações de campanha, também denominada provisória e passageira. Além disso, apresentamos a análise dos termos entrincheirado, entrincheiramento e entrincheirar por muitas vezes serem relacionados com o emprego da terminologia trincheira.

5. O PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS³²: “AS TRINCHEIRAS”

As pesquisas arqueológicas e os militares que presenciaram ou participaram das expedições no perímetro do Parque Estadual de Canudos, predominantemente descreveram sem apresentar as características que as posições empregadas pelos conselheiristas contra as forças legais constituíam em trincheiras. O que nos leva a imaginar que estas posições têm analogicamente as mesmas características das tradicionais trincheiras empregadas na 1^a Guerra Mundial (1914-1918). Entretanto, ao analisar as poucas descrições onde são apresentadas as características das posições empregadas pelos conselheiristas poderemos perceber que nem todas as posições correspondiam ao que conhecemos como trincheira.

5.1 AS INTERPRETAÇÕES DAS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

Embasado nas análises arqueológicas do livro *Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares (1996)* no Parque Estadual de Canudos (PEC)³³ local

³¹ Com base no Dicionário Técnico Militar de Terra de Caetano M. de F. Albuquerque (1911) e no Dicionário de Arquitectura Militar de António Lopes Pires Nunes (2005).

³² Apesar do foco do trabalho ser a área correspondente ao PEC, outras áreas adjacentes também são abordadas.

das 3ª e 4ª expedições, predominantemente, os “*features*”³⁴ encontrados, correspondem aos vestígios de parte do sistema de defesas/ataque conselheirista. Sendo assim, ao longo do conflito, com o avanço e conquista da região pelas tropas regulares, as características desses “*features*” foram sendo modificados, ou seja, adaptados para a conveniência das forças militares.³⁵

Acredita-se que funcionalmente a maioria destas estruturas corresponderam a trincheiras, tocas e barricadas que passaram por um processo de reciclagem ou re-uso (*sic*). A área do PEC. Território jagunço, passou por uma ocupação militar no ano de 1897 em virtude do avanço das tropas legais, o que contribuiu para alterar o desenho original do sistema sertanejo de defesa e ofensiva nas cercanias de Canudos.³⁶

Nessa conjuntura, devido à grande concentração de vestígios e, conseqüentemente, pela fundamentação documental existente, por ter sido no combate área estratégica tanto para os conselheiristas como para os militares, foram apresentadas deste livro³⁷ as informações e imagens referentes ao Alto do Mario e a Fazenda Velha.

Posteriormente, de julho a dezembro de 1997, nas pesquisas arqueológicas realizadas no perímetro do PEC e adjacências, publicadas no livro *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos (2002)*, dos 46 (quarenta e seis) sítios arqueológicos apresentados na pesquisa com caracterização sumária acerca dos séculos XIX e XX, 22 (vinte e dois) são relacionados ao período da Guerra de Canudos, sendo que apenas 13(treze) destes são discriminados como vestígios das estruturas de defesa/ataque dos civis (conselheiristas) ou militares, ou sem associação a ambos no que concerne ao processo de combate, e tendo em suas composições características diferentes: *estruturas de pedra, estrutura escavada com estrutura de*

³³ “[...] está localizado na porção NE do Estado da Bahia, no município de Canudos, tendo como limite oeste o rio Umburanas, a norte o Açude Cocorobó, a leste área da Universidade Federal da Bahia, a sul a BR-235, perfazendo uma área 18km². O vértice SW da área-ponte sobre o rio Umburanas na BR-325 tem como Coordenadas Geográficas 39 06’ 22” Longitude Oeste a 09 56’ 30” Latitude Sul. As cidades mais próximas são as de Uauá a oeste, Caraíbas a Norte, Euclides da Cunha a sul e Canudos a leste. Esta última situa-se a 05 km da referida área” (UNEB, 1996, p. 23).

³⁴ “Entende-se por ‘*Features*’ estruturas horizontais e verticais existentes na área do parque, quer culturais ou não, incapazes de oferecer elementos para a compreensão dos fenômenos relacionados à ocupação pré-guerra e processo do conflito per si” (*Id. Ibid.*, p. 48).

³⁵ UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/C.E.E.C. Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares. Salvador: Portfolium, 1996. “Além das mudanças dos ‘*features*’ oriundas do avanço militar, a região do PEC também “sofreu grande modificação a partir da construção do açude Cocorobó que provocou o deslocamento de parte da população residente em Canudos para porções de terra não inundáveis e conseqüentemente um ‘adensamento’ populacional na superfície do PEC” (*Id. Ibid.*, p. 35).

³⁶ *Id. Ibid.*, p. 48.

³⁷ Além das informações deste livro, utilizamos também às informações do site Arqueologia Brasileira, organizado pelo Itaú Cultural, que apresenta um estudo arqueológico recente sobre Canudos. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/arqueologia/pt/tempo/canudos/index.html>>. Acesso em: 3 ago. 2015.

*pedra, blocos de granito, estrutura de placas de pelito, estrutura elíptica erguida com pelito, estrutura elíptica de pedras, estrutura de blocos de pedra e linha de trincheiras.*³⁸ No entanto, mesmo sendo apresentadas diferentes características na composição destes vestígios, as descrições das estruturas, até as que foram denominadas com interrogação, possuem, predominantemente, como qualificação a trincheira.

Com o objetivo de facilitar as análises e concomitantemente tornar a pesquisa mais didática, a área de análise desta pesquisa arqueológica foi dividida em 5 zonas: Fazenda Velha, Alto do Mario, Vale do Umburanas, margem direita do Vaza-Barris e o sítios históricos de Canudos.³⁹ Entretanto, apenas nas três primeiras zonas descritas foram apresentadas informações sobre as estruturas de defesa/ataque, sejam civis (conselheiristas) ou militares.

Sendo assim, de acordo com as características dos vestígios, tanto na primeira como na segunda etapa da pesquisa arqueológica, várias estruturas erroneamente foram consideradas como trincheiras. Pelas informações destacadas e analisadas na região e cercanias do PEC, os vestígios correspondiam a trincheiras, barricadas e tocas, além do emprego dos elementos da natureza da região.

Entretanto, não podemos apenas relacionar como parte do sistema de defesa/ataque conselheirista os vestígios abarcados nas interpretações das pesquisas arqueológicas, pois outros elementos foram utilizados pelos conselheiristas no processo de combate. É o que vamos perceber nas interpretações de dois autores que escreveram sobre o assunto.

5.2 AS INTERPRETAÇÕES DOS AUTORES

O Coronel *Dantas Barreto em Última Expedição a Canudos (1898)*, ao discorrer sobre as posições conselheiristas encontradas no combate de Cocorobó, denomina como trincheiras naturais o emprego e o aprimoramento dos elementos da natureza pelos conselheiristas.

[...] As posições ocupadas (*sic*) pelos jugunços eram formidáveis (*sic*) e defendidas por homens bravos e disciplinados, armados e inteiramente abrigados á cavalleiro (*sic*) da estrada, como se achava o inimigo. Essas

³⁸ UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/C.E.E.C. Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos. Salvador: UNEB, 2002.

³⁹ *Id. Ibid.*

posições consistiam em trincheiras naturaes (*sic*) por elles (*sic*) aperfeiçoadas, estendidas ao longo das cristas de outeiros dispostos em amphitheatro (*sic*), intercalados no seu recinto pequenos cerros, de modo a formar-se assim, entre os outeiros fronteiros e lateraes e os cerross centraes, dois desfiladeiros de vinte e tantos metros de largura, sendo que o do flanco esquerdo era o proprio (*sic*) leito do rio Vasa-Barris (*sic*), que nesse ponto se desenvolve em arco de circulo seguindo as sinuosidades da serrania.⁴⁰

Entretanto, pelas características das informações citadas pelo Coronel, estas posições não podem ser compreendidas como trincheiras, pois não possuíam as características para tal. Ou seja, foram utilizadas as elevações acima da estrada do Cocorobó, onde as estruturas construídas e intercaladas tinham a forma de anfiteatro.

Destacamos mais três pontos referentes ao livro de Dantas Barreto. No primeiro, o termo entrincheirado não se relaciona ao emprego de trincheiras, por parte dos conselheiristas, mas dos elementos da natureza e das casas como uma forma de abrigo. “Neste ultimo dia, conta o general Savaget, «logo á saída (*sic*), a vanguarda, que era feita pela 6ª brigada encontrou com o inimigo em posição de combate, **entrincheirado pelos cimos dos cerras e das casas**, que ladeiam a estrada desde o ponto donde partiram, até Canudos”.⁴¹ O segundo, diz respeito às informações sobre o 1º combate da 1ª coluna militar contra os conselheiristas, descrevendo as posições conselheiristas como “trincheiras de pedras superpostas”.⁴² E por fim, ao relato de que as posições conselheiristas encontradas nas estradas do Calumbi e do Cambaio eram pontos fortificados.⁴³

Então, da obra do Coronel Dantas Barreto destacamos as interpretações deturpadas acerca do emprego dos elementos da natureza e o seu aperfeiçoamento para a conveniência conselheirista; o uso do termo entrincheirado, mas não relacionado à trincheira; a construção de uma estrutura de pedras superpostas – o que nos leva a interpretar que, pelas características, não eram trincheiras, mas barricadas; e que por serem construídas estruturas nos pontos estratégicos das principais estradas que levavam a Canudos, estas foram interpretadas como pontos fortificados.

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1975), o autor expõe parte do processo de construção das estruturas conselheiristas, num dos tópicos denominado *Trincheiras*. “Pelos dias ardentes, viam-se os sertanejos, esparsos sobre o alto dos cerros e à aureola

⁴⁰ BARRETO, Dantas. Última Expedição de Canudos. Porto Alegre: Editores Franco & Irmao, 1898. p. 71-72.

⁴¹ *Id. Ibid.*, 79, grifo nosso.

⁴² *Id. Ibid.*, 86.

⁴³ *Id. Ibid.*

dos caminhos, rolando, carregando ou amontoando pedras, rasgando a terra a picareta e a enxada numa faina incessante. Construía trincheiras.”⁴⁴ Após considerar que os conselheiristas estavam construindo trincheiras, Euclides relata que estas posições eram uma ideia de fortificação passageira e descreve suas características.

O sistema era, pela rapidez, um ideal de fortificação passageira: aberta cavidade circular ou elíptica, em que pudesse ocultar-se e mover-se à vontade o atirador, bordavam-na de pequenos espaldões de pedras justapostas, com interstícios para se enfiar o cano das espingardas. As placas de talcoxisto, facilmente extraídas com todas as formas desejadas, facilitavam a tarefa. Explicam o extraordinário número desses fojos tremendos que progredindo, regularmente intervalados, para todos os rumos, crivando a terra toda em roda de Canudos, semelhavam canhoneiras incontáveis de uma fortaleza monstruosa e sem muros.⁴⁵

Com isso, além das estruturas construídas, mesmo com as deturpações das denominações, os conselheiristas também empregaram no processo de combate, as serras, os rios, a vegetação e os demais elementos na natureza da região na guerra.

Em um dos combates no Alto da Favela, Euclides relaciona a trincheira com o abrigo. “Não se via o inimigo — encafurnado em todas as socavas, metido dentro das trincheiras-abrigos, que minavam as encostas laterais, e encoberto nas primeiras sombras da noite que descia.”⁴⁶ Noutro tópico denominado *Trincheira dos jagunços*, o engenheiro informa as características destas posições e as denominam de trincheiras.

Aquilo era uma armadilha singularmente caprichosa. Quem percorresse mais tarde as encostas da Favela avaliava-a. Estavam minadas. A cada passo uma cava circular e rasa, protegida de tosco espaldão de pedras, demarcava uma trincheira. Eram inúmeras; e voltando todas para a estrada os planos de fogo quase à flor da terra, indicavam-se adrede dispostas para um cruzamento sobre aquela.⁴⁷

Aqui, as mesmas especificidades e interpretações errôneas são apresentadas acerca das estruturas com característica circular. Conforme o autor, além das casas, e demais posições construídas ou empregadas pelos conselheiristas (elementos da natureza), as igrejas também tiveram sua participação estratégica na guerra, pois serviram para cobrir locais onde outras estruturas não tinham condições.

⁴⁴ CUNHA, Euclides da. Os Sertões: Campanha de Canudos. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p. 240-41.

⁴⁵ *Id. Ibid.*, p. 240-41.

⁴⁶ *Id. Ibid.*, p. 308.

⁴⁷ *Id. Ibid.*, p. 309.

Metidos nos casebres, ou nas tendas por detrás dos morros, ou colados às escarpas das trincheiras, pouco se temiam do jagunço. Os perigos consistiam, exclusivos, nas caçadas, que estes faziam, de incautos que se afastavam dos abrigos. As duas torres da igreja nova lá estavam sobranceiras na altura, como dois *mutãs* sinistros sobre o exército. E nada escapava à pontaria dos que as guarneciam e que não as abandonavam no maior fragor dos canhoneios.⁴⁸

No que tange às referências bibliográficas acerca das discussões do sistema de defesa e conseqüentemente ataque conselheirista, além das duas obras referentes às pesquisas arqueológicas, destacamos apenas estas duas, pois os demais autores que se debruçaram sobre o assunto descreveram as mesmas percepções ou também caíram nas mesmas incoerências das informações deturpadas.

6 AS FONTES OFICIAIS

As fontes oficiais podem apresentar novas evidências, mas não destoam das interpretações das pesquisas arqueológicas e das interpretações dos autores que abordaram sobre o assunto, simplesmente pelo fato de que a maioria delas foi publicada nas respectivas obras. Nesse contexto, as Partes de Combate e as Ordens do Dia dos oficiais que participaram das 3ª e 4ª expedições militares contra Canudos, abordadas na pesquisa, foram coletadas do livro *Expedições Militares Contra Canudos: seu aspecto marcial*, de Tristão de Alencar Araripe (1895). Assim, ao analisar as fontes destacadas no livro percebemos que os oficiais⁴⁹ citaram uma série de elementos que compreendemos como parte do sistema de defesa/ataque conselheirista contra os militares ao longo das duas últimas expedições: trincheiras (fortificações naturais e artificiais); os elementos da natureza (serras e a vegetação); o emprego das igrejas (fortificação e fortaleza) e das casas; fossos, fojos, tocas, valas e buracos (ocasionados pela guerra). Além dos pontos apresentados, foi analisado e discutido o termo entrincheirado.

⁴⁸ *Id. Ibid.*, p. 395.

⁴⁹ Coronel Antonio Olimpio da Silveira, Coronel Carlos Maria da Silva Teles, General-de-Brigada Artur Oscar de Andrade Guimarães, Tenente-Coronel José Siqueira de Menezes, Major Carlos de Alencar, General-de-Brigada Claudio do Amaral Savaget, Major Cunha Matos, Coronel Joaquim Manoel de Medeiros, General-de-Brigada Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, Coronel João Souza Sucupira, Major Frederico Lisboa de Mara e o Tenente-Coronel Emídio Dantas Barreto.

CONCLUSÃO

Da minha perspectiva, levando em consideração os capítulos abordados e partindo de uma conjuntura macro para micro, o complexo sistema de defesa ataque dos conselheiristas no Parque Estadual de Canudos se caracterizou pela localidade estratégica onde o reduto foi construído, pois estava cercado por serras: Serra da Cana Brava, Poço de Cima, Serra do Cocorobó, Serra Vermelha, Serra do Angico, Coiqui e Jerônimo; pelas fortificações ou obstáculos naturais como as serras, os rios, a vegetação, os fossos e as valas, ou seja, os elementos da própria natureza sem interferência do homem; pelas fortificações ou obstáculos artificiais, também denominados de fortificações de campanha, passageira ou temporária como as tocas, as trincheiras-abrigo, as barricadas, os fossos, as valas e os buracos, os três últimos ocasionados pela guerra, além do emprego das casas e das igrejas como coberta e abrigo, sendo caracterizados também como fortificações, pois foram construídas outras estruturas de defesa e ataque dentro de seus perímetros como os fossos que interligavam uma casa a outra.

Entretanto, algumas observações merecem ser destacadas. Não podemos relacionar as estrutura com características alveolares ou em anfiteatro a uma espalda ou espaldão, apesar da semelhança nas características, porque os espaldões são fortificações destinadas à proteção da artilharia. Concomitantemente sabemos que os conselheiristas não utilizaram armamentos da artilharia, pois não sabiam como utilizar, mesmo após a captura dos armamentos das expedições derrotadas. Estas estruturas, que erroneamente também foram denominadas de trincheiras pelas características, se assemelham a uma toca.

Outro ponto interessante a ser destacado, partindo das análises dos termos entrincheirado, entrincheiramento e entrincheirar, é que estes se relacionam ao emprego de qualquer tipo de fortificação ou obstáculo natural ou artificial, não se resumindo apenas ao emprego das trincheiras. Ou seja, qualquer uma das estruturas apresentadas as quais os conselheiristas empregaram na defesa e conseqüentemente ataque contra os militares podem ser consideradas como entrincheiramentos: serras, casas, igrejas entre outros. Assim, não podemos relatar que todas estas posições consistiam trincheiras.

Sendo assim, compreendo que o recorrente erro das interpretações das denominações das estruturas arqueológicas encontradas na região do PEC, mesmo diante da diversidade das estruturas apresentadas com características diferentes, está na

fundamentação das obras que escreveram ou escrevem sobre o assunto, ao fundamentarem suas pesquisas ou análises com as referências de interpretações equivocadas. Sobre este aspecto, percebi que nas pesquisas arqueológicas houve a participação de um especialista em história militar, especificamente em armamentos. Não obstante, para à nossa abordagem seria também de grande valia a presença de um especialista em fortificações militares. Além destes fatores, muitas das estruturas que foram denominadas pelos militares como trincheiras não foram vistas pelos mesmos ao longo dos combates. O emprego das figuras e dos anexos foi crucial para analisarmos as estruturas e também não cometermos os mesmos erros interpretativos. Contudo, como sugeriu a própria pesquisa arqueológica que foi publicada em 1996, para não cometermos erros de interpretação é preciso o estudo completo de todos os locais onde houve os combates entre os conselheiristas e os militares.

Acredita-se que um estudo completo do sistema ofensivo-defensivo de Canudos não se fará sem o reconhecimento da região global do palco de operações da guerra, onde encontrar-se-ão os padrões notadamente o jagunço, de implantação e elaboração de trincheiras, mais bem delineados e talvez intactos. O estudo do sistema de defesa jagunça, não poderá realizar-se exclusivamente em área ou posição eminentemente militar o que conduzirá a erros interpretativos graves. A área do PEC é a área adequada à compreensão de fenômenos culturais relativos às forças legais.⁵⁰

Por fim, também é imprescindível um estudo detalhado da biografia e da formação dos oficiais que relataram suas experiências na Guerra de Canudos; assim como também dos principais conselheiristas, pois estes poderiam a partir de outros conflitos pré-guerra terem conhecido o processo de construção das estruturas arqueológicas presentes no Parque Estadual de Canudos.

REFERÊNCIAS

1. FONTES PRIMÁRIAS

BARRETO, Dantas. **Ultima Expedição de Canudos**. Porto Alegre: Editores Franco & Irmao, 1898.

RIO DE JANEIRO. Carta de Lei, de 4 de dezembro de 1810. Crea uma Academia Real Militar na Côrte e Cidade do Rio de Janeiro. Coleção das Leis do Brasil de 1810. Rio de

⁵⁰ UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/C.E.E.C. Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares. Salvador: Portfolium, 1996. p. 48.

Janeiro: Imprensa Nacional, 1891, p. 232-246. vol. 1. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao1.html>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

2. BILIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Caetano M. de F.e. **Dicionário Técnico Militar de Terra**. Lisboa: Typographia do Anuario Commercial, 1911.

ARARIPE, Tristão de Alencar. **Expedições militares contra Canudos: seu aspecto marcial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985. (Coleção General Benício; v. 230).

BAZOTE, Sylvio Mario. **Guerra de Trincheiras: As trincheiras na Primeira Guerra Mundial**. 2014. Disponível em: < <http://historiasylvio.blogspot.com.br/2014/06/guerra-de-trincheiras.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

CABRAL, Dilma. **Academia Real Militar**. Disponível em: < <http://linux.an.gov.br/mapa/?p=2438>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

CARDOSO, Maria Luiza. **A Formação de Artilheiros e de Engenheiros em Portugal e na sua colônia Brasil: Um estudo comparativo**. Disponível em: < <http://www.eceme.ensino.eb.br/cihm/Arquivos/PDF%20Files/74.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

FRACOLA, Felipe. **Guerras de Trincheiras: o inferno**. 2012. Disponível em: < <http://1guerramundial-historiaecuriosidades.blogspot.com.br/>>. Acesso em 15 jun. 2015.

GARRY, Sheffield. **A Guerra de Trincheiras: o fim do avanço dos exércitos**. Traduzido por Rosemarie Ziegelmaier. São Paulo: Folha de São Paulo, 2014. (Coleção Folha. As grandes guerras mundiais; v. 2. Primeira Guerra Mundial).

JUNIOR, Antônio Gasparetto. **Guerra de Trincheiras**. Disponível em: <http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/rev32_02.htm>. Acesso em: 07 jun. 2015.

LUCENA, Luiz Castelliano de. **Um Breve Histórico do IME – Instituto Militar de Engenharia: Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, 1792**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ime.eb.br/arquivos/Noticia/historicoIME.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

NUNES, Antônio Lopes Pires. **Dicionário de Arquitectura Militar**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2005.

PIRASSINUNGA, Adailton Sampaio. **O ensino militar no Brasil (Colôna)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

SOUNDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2013.

Disponível em:

file:///C:/Users/nara%20santos/Downloads/A%20Primeira%20Guerra%20Mundial%20-%20Sondhaus,%20Lawrence%20(1).pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA/C.E.E.C. **Arqueologia Histórica de Canudos**: estudos preliminares. Salvador: Portfolium, 1996.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA./C.E.E.C. **Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos**. Salvador: UNEB, 2002.

SITE

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. **Canudos**. Disponível em:

<<http://www.itaucultural.org.br/arqueologia/pt/tempo/canudos/index.html>>. Acesso em: 3 ago. 2015.